

OPERADOR ARGUMENTATIVO [VAI QUE]: DESCRIÇÃO FUNCIONAL E ATIVIDADE DE ENSINO DE GRAMÁTICA

ARGUMENTATIVE OPERATOR [VAI QUE]: FUNCTIONAL DESCRIPTION AND GRAMMAR TEACHING ACTIVITY

Ana Cláudia Machado dos Santos¹, Francisco Wilton Andrade Soares²

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

ORCID: 0000-0001-8256-1474

E-mail: anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

ORCID: 0009-0005-4646-7970

E-mail: wil.soares79@gmail.com

Recebido em 05.07.2026

Aceito em 04.08.2026

RESUMO

O presente trabalho investiga os padrões funcionais do elemento de conexão [vai que], analisando o nível de consolidação de seu uso como operador argumentativo de possibilidade, um tipo de conector textual-discursivo no âmbito da macrossintaxe que evidencia a estratégia de persuasão do produtor textual. Nesse cenário, elementos de conexão atuam entre porções textuais, auxiliando a tessitura textual, articulando predominantemente argumentatividade e (inter)subjetividade, sendo recrutados por gêneros discursivos e sequências tipológicas que colaboram para o projeto de texto do autor. Sendo assim, à luz da Linguística Textual e Linguística Funcional Centrada no Uso, este estudo tem como objetivo central apresentar esse uso do [vai que] caracterizando-o enquanto microconstrução. Valendo-nos de um *corpus* sincrônico do Português Brasileiro, coletado do *site Corpus do Português* e do *Instagram*, realizamos uma análise qualitativa dos dados. Os resultados apontam que [vai que] é um operador argumentativo que projeta uma hipótese a partir da asserção apresentada na porção textual que o antecede, em um movimento de retomada e avanço. Além disso, atua como mitigador de atos de fala, suavizando imposições ou conselhos. Por fim, apresentamos uma proposta de atividade didática para o trabalho com esse conector em textos opinativos, a fim de fomentar uma análise linguística crítica e reflexiva entre os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, em conformidade com os objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo que eles reconheçam, e usem adequadamente, as estratégias argumentativas empregadas nas práticas de leitura e escrita quando se recorre a esse tipo de elemento não prototípico.

Palavras-chave: Conector textual-discursivo. Operador argumentativo. Microconstrução. Macrossintaxe.

ABSTRACT

The present study investigates the functional patterns of the connective element [vai que], analyzing the level of consolidation of its use as an argumentative operator of possibility, a type of textual-discursive connector within the scope of macrossyntax that highlights the persuasion strategies of the text producer. In this context, connective elements operate between textual segments, assisting the textual fabric and predominantly articulating argumentativity and (inter)subjectivity. They are recruited by discourse genres and typological sequences that contribute to the author's overall text-production plan. Thus, from the perspective of Textual Linguistics and Use-Centered Functional Linguistics, this study aims to present this use of [vai que], characterizing it as a microconstruction and describing its form-meaning properties. Drawing on a synchronic corpus of Brazilian Portuguese, collected from the *Corpus do Português* website and *Instagram*, we conducted a qualitative analysis of the data. The partial results indicate that [vai que] functions as an argumentative operator that projects a hypothesis based on the assertion expressed in the preceding textual segment, in a movement of both resumption and advancement. Furthermore, it acts as a mitigator of speech acts, softening impositions or advice. Finally, we present a proposal for a didactic activity involving this connector in opinion texts, with the aim of fostering critical and reflective linguistic analysis among 9th-grade students in Elementary School, in

accordance with the objectives of the *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC). The goal is for students to recognize and appropriately use the argumentative strategies employed in reading and writing practices that rely on this type of non-prototypical element.

Keywords: Textual-discursive connector. Argumentative operator. Microconstruction. Macrossyntax.

INTRODUÇÃO

As mudanças linguísticas e o uso cada vez mais expressivo de conectores não prototípicos, como o [vai que]¹, revelam a vitalidade e a criatividade da língua em funcionamento. Nesse escopo, o estudo apresentado neste artigo investiga o [vai que] como microconstrução pertencente à rede rede [X-que]_{CTD}², que atua como operador argumentativo de possibilidade no português brasileiro contemporâneo. O trabalho se ancora nos pressupostos da Linguística Textual (LT), da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Teoria da Polidez.

Partimos da hipótese de que o [vai que] apresenta traços típicos de um operador com alto grau de convencionalização, o que nos leva a investigar em que medida seus usos atuais já apontam para um estágio mais avançado de consolidação construcional no interior da rede [X-que]_{CTD}.

Além disso, o trabalho propõe uma sequência didática, fundamentada na Prática de Análise Linguística (PAL) e em documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), visando à reflexão sobre o uso desse operador em atividades de leitura e produção textual na educação básica.

O principal objetivo deste estudo é apresentar o uso contemporâneo do [vai que] caracterizando-o enquanto microconstrução, buscando compreender de que modo ela atua na organização macrossintática do texto, na projeção de hipótese, na orientação argumentativa e na gestão de face em contextos interacionais diversos. Para esse fim, analisamos duas ocorrências, uma extraída do *site*

¹ Optamos por utilizar os colchetes para destacar o conector em todas as situações neste trabalho, apesar de ser uma notação específica da abordagem construcionista da gramática adotada pela LFCU.

² Trata-se de uma rede de conectores, proposta por Santos (2023), em que “X” representa um elemento linguístico que se une ao “que” para formar conectores textual-discursivos, tais como: “acontece que”, “tanto que”, “note que”. CTD é um acrônimo de conector textual-discursivo. É, pois, uma extensão da rede “X que_{conect}”, proposta por Arena (2015).

“corpusdoportugues.org/now” e outra da rede social *Instagram*, com o intuito de observar evidências de estabilização construcional que demonstre se a microconstrução atua de modo estável, produtivo e esquemático em diferentes contextos discursivos.

O texto está organizado da seguinte forma: além desta introdução, estabelecemos mais quatro seções: na primeira, apresentamos os fundamentos teóricos da Linguística Textual, da Linguística Funcional Centrada no Uso e da Teoria da Polidez; na segunda, descrevemos o *corpus* e os procedimentos metodológicos; na terceira, analisamos os dados, focalizando o funcionamento discursivo-argumentativo do [vai que]; e, por fim, na quarta seção, apresentamos uma proposta didática, seguida das considerações finais.

1. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O [vai que] desempenha sua função discursivo-argumentativa na articulação entre cognição e interação, observável nas práticas sociais de comunicação, ou seja, nos textos. Por esse motivo, devemos considerar o texto em nossas análises como “objeto complexo que envolve não apenas operações linguísticas como também cognitivas, sociais e interacionais” Koch e Elias, 2016, p. 15). Tais operações se entrelaçam no processo de construção de sentidos.

Nessa perspectiva, descrever fenômenos discursivos, como conectores não prototípicos, exige considerar não apenas aspectos morfossintáticos, mas também a forma como os interlocutores mobilizam conhecimentos, expectativas partilhadas e estratégias inferenciais durante a produção textual, a fim de orientar o outro dentro de um determinado percurso interpretativo.

A ativação de enquadres hipotéticos (Koch; Elias, 2016), combinada à orientação do interlocutor por meio de projeções de possibilidade, faz com que o [vai que] atue tanto no acionamento de modelos mentais quanto na construção de alinhamento interacional, justificando uma análise que ultrapassa o nível gramatical e alcança níveis mais amplos da organização textual.

Nesse sentido, o [vai que] atua na coesão sequencial (Koch, 1990), porque conecta o *discurso* 1 (D1)³, tomado como tema, ao *discurso* 2 (D2), entendido como hipótese. Dessa forma, atua na porção textual anterior (D1), em um movimento de retroação e encabeça a porção textual subsequente (D2), projetando nela a orientação argumentativa em um movimento de propulsão, costurando o tecido do texto, participando do processo de referência e, conseqüentemente, da progressão textual.

Como articulador textual, o [vai que] desempenha papel importante no estabelecimento da coesão e da orientação argumentativa do texto porque atua articulando porções principalmente no nível da organização global (Koch; Elias, 2016), no âmbito do discurso. Desse modo, por articular enunciados nesse nível, [vai que] apresenta uma de suas propriedades mais características: é considerado elemento procedural que atua no âmbito da *macrossintaxe* (Ducrot, 1977)⁴.

Nesse contexto, [vai que] tanto encadeia as partes do texto como atua no nível da memória discursiva, já que a hipótese projetada depende de conhecimentos partilhados e de expectativas contextuais do interlocutor.

Dessa maneira, o operador produz efeitos de sentido variados – alerta, ressalva, incentiva – sempre ancorados em uma rede de implícitos que ultrapassa a frase isolada. Dessa forma, por atuar como conector textual-discursivo [vai que], pode ser considerado *operador argumentativo*. Ou seja, elemento linguístico que permite orientar nossos enunciados para determinadas conclusões (Koch; Elias, 2016, p. 64). Como operador, o [vai que] orienta o enunciado para conclusões hipotéticas, positivas ou negativas, mostrando que a língua já prevê a possibilidade como argumento.

Importa destacar que o [vai que] atua não apenas como operador de classe argumentativa (Ducrot, 1988), propomos analisá-lo, também, como operador de possibilidade que orienta os enunciados para conclusões hipotéticas multidirecionais, ora como reforço, ora como ressalva, ora como incentivo, por exemplo.

Considerando as noções supracitadas, observe a seguinte ocorrência:

³ A concepção de discurso adotada neste trabalho é a praticada pela LFCU, que o assume como um evento de uso linguístico, produzido e moldado por determinadas propriedades de ordem pragmática, cognitiva e intercomunicativa (Furtado da Cunha, Bispo e Silva, 2013).

⁴ A noção de macrossintaxe, desenvolvida por Ducrot (1977), diz respeito a uma abordagem que visa a analisar a organização e a estruturação do discurso em níveis mais amplos, indo além das análises tradicionais que se concentram apenas na sintaxe superficial das frases.

(1) A primeira conclusão a que chegamos foi: mesmo com a lei aprovada, vida de artista de rua não é fácil. Equilibrar-se num vagão em movimento, enquanto canta e toca para uma plateia que nem sempre está disposta a te ouvir, é tarefa para os fortes. Munidos de um microfone portátil e um violão, entramos no vagão. Acometidos por um misto de vergonha e receio de não sermos bem recebidos, respiramos fundo e começamos o "show". # Bateu um certo desânimo ao notarmos que, para alguns, o celular parecia mais interessante. Os poucos que cantavam junto nos davam força para continuar. O barulho nos fez trocar de estilo musical: saiu a Bossa Nova, entrou o pop de Tim Maia, com mais volume, mais suingue, mais tudo. "Gostava tanto de você" não fez tanta diferença na receptividade do público. Decidimos sair e esperar a próxima composição. Vagão cheio, plateia maior, **vai que...** (grifo nosso) Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>https://oglobo.globo.com/rio/repoterer-do-globo-fazem-shows-em-trens-metro-barcas-23135159> Acesso em: 17 abr. 2025.

Note que [vai que] orienta D1 ("[...] *Bateu um certo desânimo ao notarmos que, para alguns, o celular parecia mais interessante. Os poucos que cantavam junto nos davam força para continuar. O barulho nos fez trocar de estilo musical: saiu a Bossa Nova, entrou o pop de Tim Maia, com mais volume, mais suingue, mais tudo. "Gostava tanto de você" não fez tanta diferença na receptividade do público. Decidimos sair e esperar a próxima composição. Vagão cheio, plateia maior, [...]*") não só para uma única conclusão, mas abre a possibilidade que um outro cenário se realize, seja positivo ou negativo. Nesse caso, o operador orienta para uma hipótese positiva projetando-a com efeito de sentido de incentivo (*Vagão cheio, plateia maior, vai que...* ***a receptividade do público melhora**). Porém, não descarta a possibilidade contrária, a negativa (a possibilidade de a receptividade do público não melhorar), que é pressuposta mas não expressa. O operador coloca em *relevo* (Travaglia, 2006)⁵ apenas uma das hipóteses, a que melhor atende ao seu projeto de texto.

Com efeito, a reconstrução provisória do texto com elevado grau de precisão ([...]***a receptividade do público melhora**), em que podemos substituir as reticências pela conclusão intencionada, só é permitida porque [vai que] ativa enquadres hipotéticos de possibilidade, recuperando conhecimentos partilhados, num nível que perpassa a superfície textual. Além disso, articula essas porções para orientar o interlocutor na estruturação de ideias, o estabelecimento da coesão e na progressão do discurso.

Na ocorrência (1), tão magno é o poder argumentativo do operador em direcionar os enunciados para a conclusão intencionada que a própria conclusão pode ser descartada da superfície textual. A seguir, abordaremos os pressupostos da LFCU que descrevem o

⁵ Travaglia (2006) registra *relevo* como fenômeno de o falante, ao produzir seu texto, destacar ou rebaixar determinados elementos em relação a outros, dentro desse mesmo texto.

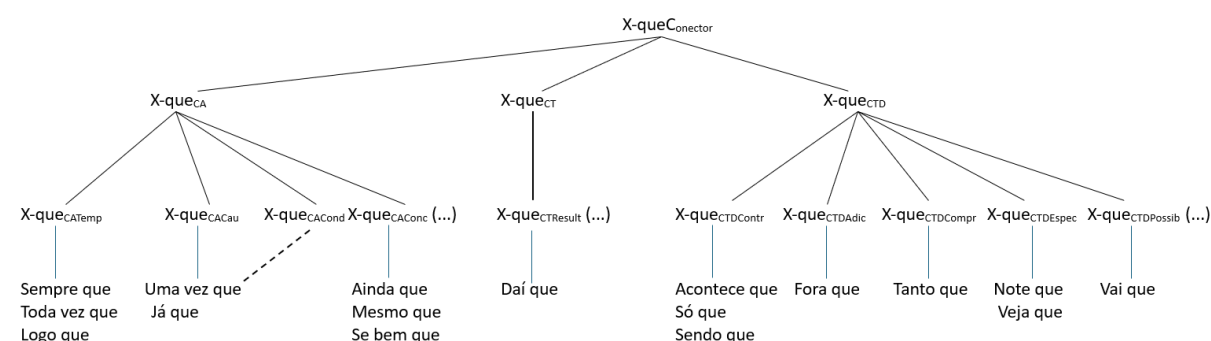
funcionamento do [vai que] como microconstrução do subesquema [X-que]_{CTD}, discorrendo sobre suas propriedades formais e discursivo-argumentativas.

A concepção de língua para a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é a adotada pela Linguística Funcional Norte-Americana, isto é, segundo Oliveira (2022), é uma estrutura que, ao lado da regularidade e da convenção gramatical, apresenta instabilidade, com variação e mudança, pressionada por eventos de uso e por atuação simultânea de processos cognitivos de domínio geral. Essa visão de instabilidade explica por que o [vai que] se encontra em estágio de consolidação como microconstrução na rede [X-que]_{CTD}: surge do uso reiterado, se entrincheira e se transforma gradualmente, sem ruptura, acompanhando os usos sociais.

Nessa perspectiva, a LFCU permite analisar o [vai que] como uma construção do uso, em que forma fixa e função argumentativa estão pareadas, pois seu valor de hipótese/possibilidade não decorre da soma de [vai] + [que], mas do uso estabilizado na língua como operador argumentativo. As duas partes que compõem uma construção, como [vai que], concentram propriedades da seguinte maneira: no plano da forma, agrupam-se as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas. Por sua vez, o plano da função concentra as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais (Croft, 2001).

Além disso, como elemento novo na rede dos conectores [X-que]_{CTD}, [vai que] deve ser analisado não como um arranjo casual, mas como uma microconstrução que se ancora em um molde maior, como podemos observar no seguinte esquema:

Esquema 01 – Rede [X-que]Conector



Fonte: Santos (2023)

No esquema de Santos (2023), o [vai que] ocupa posição periférica mas sistemática, como instância particular de operador argumentativo. Isso significa que ele não deve ser visto como uma inovação totalmente isolada, mas como extensão de uma rede construcional já produtiva no português, em que outros conectores (como [note que], [veja que], [tanto que]) também operam como articuladores discursivo-argumentativos.

Para se compreender como o dinamismo do uso linguístico impacta diretamente essa rede construcional e promove mudanças como a observada no [vai que], considere nas ocorrências abaixo o uso em que [vai] e [que] funcionam de modo independente (2), contrastando-o com o uso inovador (3):

Verbo da matriz/núcleo [ir] + [que] (conjunção integrante de outra oração):

(2) Na apresentação, os quatro se revezam no palco contando suas observações do cotidiano. E nesta nova passagem por Rio Preto eles prometem um espetáculo novo. "Podem esperar um show totalmente diferente do que foi apresentado da outra vez que estivemos por aí e dos shows solos que já passaram pela cidade. Piadas 100% inéditas. **Vai** [que] o show estará top top top", convida Afonso Padilha. (grifo nosso) Disponível em:

<<https://www.corpusdoportugues.org/now/>>https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2018/05/cultura/teatro/1105535-humor-entre-amigos.html>

Acesso em: 17 abr. 2025.

Novo uso como operador argumentativo:

(3) "As ameaças fez nossa rotina mudar. Altero as rotas que faço para casa para o caso de estar sendo seguido. Eu trabalho em uma favela, **[vai que]** algum olheiro me persegue? Tenho ficado estressado, é preciso estar mais alerta." (grifo nosso) Disponível em:

<<https://www.corpusdoportugues.org/now/>><https://exame.abril.com.br/brasil/apos-12-dias-de-ataques-rotina-de-medo-marca-inicio-do-ano-no-ceara/>>

Acesso em: 17 abr. 2025.

Como podemos notar, na ocorrência (2), percebemos o significado isolado do [vai] e do [que], que se encontram sintaticamente separados por orações. Diferente do que ocorre em (3), em que as subpartes [vai] e [que] se fundiram em um novo pareamento convencionalizado entre forma e função, e passam a funcionar como um operador argumentativo. Enquanto em (2) a sequência é composicional e transparente, em (3) observamos a fusão em microconstrução, na qual *vai* perde seu traço de deslocamento e a expressão ganha valor de possibilidade.

Dessa maneira, o novo uso aponta para o processo de *construcionalidade* (Rosário; Lopes, 2019)⁶, observável na sincronia: diferentes graus de fixação e esvaziamento semântico permitem descrever o [vai que] como microconstrução argumentativa.

É nesse enquadre que analisaremos o [vai que], entendendo-o como uma microconstrução que se atualiza no discurso e cuja observação sincrônica permite captar nuances do processo de mudança linguística que se desenvolveu.

As nuances do processo de mudança linguística do [vai que] podem ser explicadas pela alta frequência de repetição da sequência [vai] + [que] nos eventos sociointeracionais, que acaba sendo processada cognitivamente para influenciar o estabelecimento dessas duas palavras como uma unidade, formando um *chunking* (Bybee, 2016).

Doutra senda, o Funcionalismo parte do pressuposto de que os eventos de interação são marcados por maior ou menor manifestação de subjetividade, de que não ocorre objetividade absoluta nos usos linguísticos (Oliveira, 2022). Assim, a subjetividade pode ser conferida pela expressão de pontos de vista, crenças e valores dos que falam ou escrevem.

A intersubjetividade, por seu lado, surge na medida em que essas manifestações atingem os interlocutores no convite a que partilhem as opiniões e perspectivas assumidas pelos locutores. No caso do [vai que], a intersubjetividade envolve o interlocutor na cognição da hipótese. Desse modo, é crucial na estratégia de convencimento o interlocutor aceitar a possibilidade da hipótese orientada em D2 e atribuir sentido ao que este declara.

Nessa seara, a forma como os produtores textuais expressam suas crenças é conhecido por *modalidade epistêmica* (Palmer, 1986). Segundo o autor, esse termo deveria ser aplicado aos sistemas modais que basicamente envolvem as noções de possibilidade, como o [vai que], e necessidade, e a qualquer sistema modal que expresse o comprometimento do falante com aquilo que ele enuncia, podendo afetar o *status* da informação, no tocante à credibilidade.

Para ilustrar, em (3), o interlocutor precisa aceitar que a possibilidade expressa em D2 (*[vai que] algum olheiro me persegue?*) é, no mínimo, plausível, para atribuir sentido ao medo que o falante sente ao sair de casa para o trabalho. É preciso que o interlocutor partilhe da crença de que a favela é um lugar perigoso. Assim, quanto menos ele partilhar do ponto de

⁶ Rosário e Lopes (2019) definem *construcionalidade* como processo correlato à *construcionalização*, que possibilita tratar, em perspectiva sincrônica, a variação e os estágios de gradiência das construções em uso. Essa abordagem permite observar, no recorte atual da língua, resultados de processos diacrônicos, desde que os diferentes usos de uma construção ainda sejam empregadas na sincronia atual.

vista do locutor, mais abstrata será a expressão e maior será a dificuldade em atribuir ao texto o sentido intencionado pelo falante.

Por vezes, as manifestações marcadas pela (inter)subjetividade não atingem a expectativa dos interlocutores no jogo de negociação de sentido, ocasionando o conflito. Nesses casos, o [vai que] pode atuar como elemento estratégico de polidez (Brown; Levinson, 1987), contribuindo com o papel da língua na manutenção e preservação das relações sociais, quando seu uso é estrategicamente orientado para a *face* dos interlocutores (Goffman, 1967[1955], 1973).

Nesse sentido, o [vai que] atua pragmaticamente na proteção dos dois tipos de face. Age na de face positiva⁷ ao evitar ameaçar a imagem do interlocutor, apresentando crítica ou ressalva de forma mitigada (*acho difícil você passar nesse concurso, mas vai que você consegue*).

Por sua vez, na proteção de face negativa⁸, [vai que] pode atuar em contextos de predominância injuntiva (conselhos, convites, incentivos indiretos) ao mitigar atos de fala (avisos, ordens, conselhos), suavizando imposições (*não coma isso, vai que você passa mal*), pois, nos termos de Brown e Levinson (1987), todo ato de fala constitui um ato ameaçador de face.

Encerramos neste ponto a fundamentação teórica essencial para a análise do [vai que] enquanto microconstrução integrante da rede [X-que]_{CTD}. Adiante, partimos para a apresentação do *corpus*, da metodologia e da descrição das propriedades de forma e sentido com os respectivos fatores de análise que elaboramos para cada uma delas.

2. METODOLOGIA: CORPUS E FATORES DE ANÁLISE

Para este artigo, partimos de um *corpus* sincrônico constituído por oitenta ocorrências de [vai que] em funcionamento como operador argumentativo, coletadas no *Corpus do Português: NOW* e na rede social *Instagram*. A análise, de natureza eminentemente

⁷ A face positiva diz respeito à “autoimagem consistente e positiva ou ‘personalidade’ (crucialmente incluindo o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interactantes” (Brown; Levinson, 1987, p. 61).

⁸ A face negativa, por sua vez, conforme Brown e Levinson (1987, p. 61), consiste na “reivindicação básica de territórios, de preservação pessoal, de direitos a não-distração – i.e. de liberdade de ação e liberdade de imposição.”

qualitativa, busca investigar o funcionamento de [vai que] na conexão textual-discursiva, considerando sua possível vinculação à rede construcional [X-que]_{CTD}.

Desse conjunto de dados, selecionamos para análise dois textos pertencentes a gêneros discursivos distintos. A escolha desses exemplares se deve ao fato de permitirem observar, de maneira particularmente clara, tanto propriedades que fornecem evidências da estabilização construcional de [vai que] quanto a estratégia de articulação textual-discursiva estabelecida por esse operador argumentativo.

Uma das fontes utilizadas para a constituição do *corpus* foi o *Corpus do Português: NOW*, disponível no site corpusdoportugues.org/now. Trata-se de um *corpus* eletrônico composto por aproximadamente 1,1 bilhão de palavras, provenientes de jornais e revistas disponíveis na *web* em quatro países de língua portuguesa, no período de 2012 a 2019. As demais ocorrências foram coletadas na rede social Instagram no período que engloba o ano de 2025. Os gêneros escolhidos foram entrevista e postagem da rede social *Instagram*. Ambos os textos permitem examinar como o [vai que] promove a manobra coesivo-argumentativa no estabelecimento do percurso argumentativo do discurso. Cumpre destacar que o gênero entrevista não é prototipicamente argumentativo. De tipologia predominantemente expositiva, a entrevista tende ao teor argumentativo quando o entrevistado precisa defender um ponto de vista, justificar opiniões ou quando buscar influenciar, em alguma medida, o leitor.

Por sua vez, o uso do [vai que] em postagem social comprova como essa construção acompanha as novas práticas comunicativas, adaptando-se às novas dinâmicas discursivas das redes.

Para cumprir o objetivo deste estudo, elaboramos o quadro abaixo, baseado em Croft (2001), e descrevemos os fatores de análise que utilizamos a fim de melhor identificar as propriedades do [vai que] e efetivamente promover a análise multidimensional da microconstrução, de acordo com o que preceitua a LFCU:

Quadro 01 – Fatores de análise da microconstrução [vai que]

DIMENSÃO	PROPRIEDADE	FATORES DE ANÁLISE – [VAI QUE] ^{CTD}
Forma	Sintática	Estrutura de microconstrução: altamente entrincheirada, “vai” + “que” formam <i>chunk</i> inseparável. Posição típica de operadores discursivo-argumentativos: encabeça orações/períodos. Atua na macrossintaxe, ligando D1 (tema) a D2 (rema/hipótese).
	Morfológica	Não há variação flexional (<i>*iria que</i> , <i>*vá que</i> não são aceitáveis).
	Fonológica	Prosódia marcada: entoação característica, frequentemente descendente, funcionando como <i>chunk</i> prosódico.
Sentido	Semântica	O traço de sentido original de “ir” é esvaziado, e a construção assume valor modal-hipotético . O <i>vai que</i> introduz D2 como possibilidade projetada a partir de D1 (tema). Polaridade dupla: (i) possibilidade positiva → cenário desejável (<i>vai que dá certo</i>); (ii) possibilidade negativa → cenário temido (<i>vai que chove</i>).
	Pragmática	Contextos típicos: oralidade, redes sociais, textos midiáticos e publicitários. Função central: proteção de face (Brown; Levinson, 1987). – Face negativa: suaviza imposições (ex.: “leva o guarda-chuva, <i>vai que</i> chove”). – Face positiva: evita ameaçar a imagem, apresentando crítica ou ressalva de forma mitigada (ex.: “acho difícil, mas <i>vai que</i> funciona”). Atos de fala: mitiga avisos, ordens, conselhos, críticas. Estratégia de intersubjetividade: envolve o interlocutor na cognição da hipótese. Modalidade epistêmica: marca hipótese sem compromisso pleno do enunciador (Palmer, 1986).
	Função discursiva	Atua como operador argumentativo e articulador discursivo-argumentativo : D1 = tema retomado; D2 = hipótese reorientada. Cria efeito de relevo (Travaglia, 2006): põe em destaque o cenário hipotético como justificativa, incentivo ou ressalva. Integra-se à rede X-que (Cezário <i>et al.</i> , 2015): microconstrução fixa com valor pragmático de possibilidade + mitigação. Polifuncionalidade pragmática : pode operar em registros lúdicos, preventivos, críticos ou irônicos. Contextos de predominância: (i) argumentativos (contra-argumento, ressalva, dúvida); (ii) injuntivos (conselhos, convites, incentivos indiretos).

Fonte: Autoral.

O quadro sintetiza os fatores que compreendemos serem necessários para analisar os usos da microconstrução, como as propriedades formais (fixidez morfológica, *chunk* prosódico) e funcionais (valor de possibilidade, proteção de face, efeito de relevo). Importa ressaltar que as propriedades morfológicas e fonológicas não fazem parte do nosso critério

de análise, por não se coadunarem com a proposta deste estudo. Alocamos essas propriedades no quadro por sua importância na descrição panorâmica do objeto em questão.

3. ANÁLISE DE DADOS

Analizamos o [vai que] como conector textual-discursivo, cujo padrão de uso é típico dos operadores argumentativos do tipo articulador discursivo-argumentativo (Koch; Elias, 2016). O conector atua dessa forma ao promover um tipo de coesão sequencial que auxilia tanto na progressão do texto como na orientação argumentativa do discurso.

A análise considera o [vai que] como uma microconstrução pertencente ao subesquema da rede [X-que]_{CTD}, observada à luz da noção de construcionalidade (Rosário; Lopes, 2019), que permite compreender sincronicamente os reflexos de processos construcionais na rede de conectores.

No âmbito da operação do discurso, o [vai que] tem um papel significativo na construção textual, pois promove uma conexão textual-discursiva em razão de auxiliar na coesão sequencial de orações com movimentos de retomada e de avanço, de forma a manter em foco o objeto de discurso. Percebemos tal conexão quando a microconstrução retoma D1 (tema) para, a partir dele, projetar no novo enunciado uma orientação argumentativa de possibilidade, destacando um cenário hipotético desejável ou temido, que conduza a compreensão de forma a levar o interlocutor à adesão ao ponto de vista do autor.

Além disso, [vai que] é caracterizado também por sua polifuncionalidade pragmática, pois pode operar em registros lúdicos, preventivos, críticos ou irônicos, situados principalmente na oralidade, redes sociais, textos midiáticos e publicitários. Há preponderância em contextos mais informais e aparece com maior frequência em situações de caráter interacional, marcado por intersubjetividade, incerteza, precaução ou cautela (Ely, 2025). Ademais, podemos destacar o uso da microconstrução em gêneros discursivos de cunho opinativo, em contextos argumentativos (contra-argumento, ressalva, dúvida) ou injuntivos (conselhos, convites, incentivos indiretos). Ocasões em que podem atuar suavizando imposições ou evitando ameaçar a imagem, apresentando crítica ou ressalva de forma mitigada.

Outro aspecto fundamental é a codificação da atitude epistêmica do falante sobre o que foi dito (Palmer, 1986). Isso acontece porque, ao mobilizar uma hipótese, [vai que] codifica de certa forma a crença do falante em avaliar algo como possível. Ou seja, ao projetar uma possibilidade, o articulador textual revela uma face altamente intencional e subjetivizada, já que traduz a perspectiva do falante.

Na análise dos dados, destacaremos algumas das categorias de análise de forma distribuída ao longo das ocorrências selecionadas, evitando retomadas excessivamente repetitivas e buscando focalizar, em cada dado, os aspectos mais produtivos para a compreensão do funcionamento discursivo-argumentativo do [vai que].

(4) [...] # Na entrevista com o AdoroCinema acima, o trio de atores explica como encontrou o jeito de falar um tanto quanto peculiar da família: paulistanos descendentes de italianos com um líder argentino. "Se eu tivesse feito igual ao Éder, teria ficado exagerado", explicou Daniel. Até mesmo o paulistano Gelli teve lá suas dificuldades: "A gente foi modulando. Se falássemos igual a eles, ia até parecer que estávamos exagerando". # Depois de interpretar Cazuza em *O Tempo Não Para* e agora o atleta Jofre, a pergunta é: será que Daniel gostaria de viver novamente uma personalidade da vida real no cinema? "Tem um aí que eu queria fazer. Mas eu prefiro não falar porque **vai que** não acontece?", comentou brincando. O ator ainda revelou que sua intuição falou alto para o papel: "Eu tive um insight de que faria o Éder Jofre no cinema", o que de cara já o levou para os treinos de boxe anos antes de a produção começar. # *10 Segundos Para Vencer* chega aos cinemas dia 27 de setembro, tem roteiro de Thomas Stavros e conta ainda com as atrizes Sandra Corveloni (Angelina) e Keli Freitas (Cida). (grifo nosso) Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>https://www.terra.com.br/diversa/cinema/adorocinema/10-segundos-para-vencer-intuicao-levou-daniel-de-oliveira-a-biografia-de-eder-jofre-no-cinema-entrevista-exclusiva,71e65ad3fcc49806a24a171138138b3c0gqfgcph.html>> Acesso em: 17 abr. 2025.

Publicada no *sítio* Terra em 29 de setembro de 2018, a notícia traz uma entrevista exclusiva com o ator Daniel de Oliveira sobre o lançamento do filme biográfico *10 Segundos para Vencer*, em que ele interpreta Éder Jofre, herói nacional consagrado como um dos melhores boxeadores de todos os tempos. O ator, que também interpretou Cazuza em *O Tempo Não Para*, conta que gostaria de dar vida a outra personalidade no cinema, mas preferiu não revelar a sua identidade, por receio de o plano não acontecer como desejado. As demais informações do texto dizem respeito à preparação do artista para o papel.

O gênero notícia apresenta, normalmente, linguagem de forma narrativa. Entretanto, as entrevistas que acompanham a notícia apresentam, predominantemente, teor argumentativo, na medida em que os entrevistados tentam influenciar o interlocutor a aderir seu ponto de vista nas opiniões defendidas.

Evidentemente, as falas do ator Daniel de Oliveira no texto são uma transcrição de oralidade, em que há maior grau de informalidade, mas isso não dispensa a

exigência de polidez que o gênero entrevista impõe e submete as falas a um maior grau de monitoração.

Destacamos assim as duas porções articuladas pelo [vai que]: D1 – tema: tese e argumento: *Depois de interpretar Cazuza em O Tempo Não Pára e agora o atleta Jofre, a pergunta é: será que Daniel gostaria de viver novamente uma personalidade da vida real no cinema? “Tem um aí que eu queria fazer. Mas eu prefiro não falar porque”*; e D2 – rema: comentário/hipótese: *“vai que não acontece?”*.

Na ocorrência em questão, [vai que] projeta uma hipótese negativa: a possibilidade de um cenário temido pelo artista ([vai que] *não acontece?*). Além disso, D2 pressupõe uma justificativa/explicação do motivo de o ator omitir a resposta aguardada pelo entrevistador. Dito de outra forma, D2 opera como uma explicação argumentativa, projetada a partir de D1, pois o falante sente uma pressão de ordem pragmática que o força a explicar por que omitirá a resposta para *será que Daniel gostaria de viver novamente uma personalidade da vida real no cinema?*, que sabidamente frustrará o interlocutor.

Ademais, [vai que] atua na organização discursiva da estratégia de convencimento, na medida em que Daniel de Oliveira tenta a adesão do leitor à sua crença de que a omissão da resposta é necessária ([vai que] *não acontece?*).

A pressão pragmática a que nos referimos impõe a proteção de face positiva (Brown; Levinson, 1987). Assim, por se tratar de figura pública, o entrevistado se preocupa em usar recursos linguísticos sutis a fim de elaborar estratégias que diminuam a ameaça para sua imagem. Dessa maneira, ao perceber que uma resposta fria e evasiva poderia frustrar o leitor, elabora estrategicamente um discurso capaz de mitigar uma possível crítica ou conflito.

Nesse sentido, uma resposta para *será que Daniel gostaria de viver novamente uma personalidade da vida real no cinema?* deve ir além de um simples *sim, mas não posso divulgar*. A resposta estratégica foi num nível tão monitorado que não bastava uma justificativa, mas uma que argumentasse para convencer o interlocutor a adotar o ponto de vista do ator, mitigando a frustração da resposta evasiva, prevenindo a interação de um possível conflito ou divergência.

Nesse caso, o [vai que] cumpre com eficácia não só seu papel de operador argumentativo, em que projeta uma justificativa convincente. Além disso, atua,

também, como elemento de estratégia de intersubjetividade, e como elemento de modalidade epistêmica.

Como elemento de intersubjetividade, [vai que] projeta uma hipótese que envolve o interlocutor em sua cognição: não é suficiente o leitor acreditar que existe a possibilidade de o ator não conseguir interpretar a personalidade que deseja, precisa crer, inclusive, que Daniel de Oliveira tem um bom motivo para não divulgar a identidade da personalidade em questão.

Como elemento de modalidade epistêmica (Palmer, 1986), [vai que] marca uma hipótese sem compromisso pleno do enunciador. Nesse caso, a resposta cautelosa do ator é inconclusiva, evasiva, sem credibilidade, podendo ser reformulada futuramente se a hipótese temida se confirmar ou não.

Após a discussão da ocorrência (4), partimos para a seguinte (5), que não foi extraída do *corpus* que coletamos do *site* www.corpusdoportugues.org/now, mas diretamente da rede social *Instagram*. Optamos por esta mídia porque aquela disponibiliza dados entre os anos de 2012 e 2019, apenas. Assim, acreditamos que uma ocorrência mais recente enriqueceria nossa análise.

(5) [gigivilela](#) 4 h

Vai que toda essa tragédia das bebidas adulteradas sirva para você começar uma temporada sem álcool ✨ ✨ ✨

👉 Vamos nessa?

Drink do bronze sem queimação (de filme) 🥰

2 cenouras

1 maçã

1 pedacinho de gengibre

1 toranja

Água para bater

Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DPWd1jQETyy/> programa *Earth, Wind & Fire•September*> Acesso em: 05 out. 2025.

O gênero é postagem de rede social. O uso multimodal característico do gênero permite a inserção de recursos visuais, tais como imagem de figuras (estrelas, cenoura e *emoji*), que servem para posicionar rapidamente o leitor acerca do assunto (a cenoura pode simbolizar a alimentação saudável, cujo suco poderia substituir a bebida alcoólica), bem como direcionar o interlocutor para a interpretação desejada (adoção de hábito saudável).

Destacamos os trechos como se segue: D1: *toda essa tragédia das bebidas adulteradas*; e D2: **[Vai que]** *sirva para você começar uma temporada sem álcool*. Como podemos perceber, há uma inversão da ordem sintática dos constituintes do texto. Normalmente, em virtude do caráter argumentativo, [vai que] articula porções posicionado-se entre os discursos. Essa inversão sintática mostra o quanto a construção está entrincheirada, podendo ocupar posições menos prototípicas sem perder seu valor procedural.

Ao introduzir o discurso, [vai que] atua discursivamente para sinalizar previamente para o internauta, mesmo que de forma intuitiva, que este deve organizar o processo de interpretação considerando um discurso que terá sua conclusão projetada para uma possibilidade argumentativa.

Nessa posição de destaque, tipicamente preenchida pelo tema ou tópico, [vai que] ganha proeminência argumentativa, na medida em que provoca o rebaixamento da inferência de D1 (*toda essa tragédia das bebidas adulteradas*) ao nível do subentendido (Travaglia, 2006). O rebaixamento acontece por uma questão ligada à relação entre o produtor e o interlocutor: como influenciadora, a autora precisa mostrar engajamento, conhecimento de todas as informações discutidas no mundo virtual, o que consegue omitindo na superfície textual a tragédia da qual se refere.

Como visto, o leitor não consegue compreender o texto sem o conhecimento prévio de que *toda essa tragédia das bebidas adulteradas* se refere ao caso de envenenamento de usuários de bebida alcoólica por metanol, em São Paulo, bastante divulgado em setembro de 2025, pelos veículos jornalísticos no Brasil. Nesse contexto, [vai que] não atua apenas na organização interna da frase, mas conecta enunciados em níveis superiores do texto, no âmbito da macrossintaxe, para produzir os efeitos de sentido de alerta e incentivo intencionados pela Gigi Vilela.

Focalizando D2, podemos melhor analisá-lo reformulando a sentença. Algo assim: *Sabe toda essa tragédia das bebidas adulteradas? [Vai que] ela sirva para você começar uma temporada sem álcool*. O efeito discursivo resultante é o de alerta e incentivo, fruto da postura enunciativa otimista da influenciadora, mesmo diante de um D1 que se refere a uma tragédia. Dessa sorte, o [vai que] atua tanto para atenuar o impacto negativo provocado pela tragédia, que não combina com a proposta lúdica da postagem, conferindo-lhe uma visão alternativa de oportunidade para mudar de

hábito, quanto para mitigar o ato de fala diretivo de D2: **comece uma temporada sem álcool!*

Assim, como influenciadora, o uso adequado da estratégia de polidez de proteção de face negativa (Brown; Levinson, 1987) é crucial para cativar e manter um público fiel, pois não impõe diretamente qualquer ato que ameace a liberdade de escolher entre começar ou não uma temporada sem álcool. O [vai que], então, atua suavizando o conselho, projetando-o como possibilidade.

A força argumentativa do [vai que] aqui mostra como a língua acompanha as novas práticas comunicativas – a construção sinaliza alto grau de estabilização na rede de conectores, flexível o bastante para soar leve, afetiva e, ainda assim, persuasiva, adaptando-se aos novos movimentos discursivos das redes.

Encerrada a análise linguística, passamos agora à reflexão sobre a aplicação do elemento [vai que] no ensino básico, como estratégia de desenvolvimento da competência linguística e discursiva dos estudantes.

4. UMA PROPOSTA DE APLICAÇÃO DIDÁTICA

Com parte do foco deste texto, a proposta para aplicação do estudo dos conectores da rede X-que_{CTD}, especificamente do [vai que], pauta-se na análise dos usos contextualizados com base no aparato teórico da LFCU e da Linguística Textual. Além disso, procuramos elaborar uma atividade planejada com base nas orientações oficiais previstas na BNCC e nos PCNs, e fundamentada em conformidade com a Sequência Didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), e com a Prática de Análise Linguística de Geraldi (1999, 2013) e Franchi (1987).

Nessa linha, a BNCC prevê que todos os alunos de Língua Portuguesa devem desenvolver, ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, conhecimentos sobre os gêneros, textos, língua, norma-padrão e outras semioses. Por sua vez, os PCNs propõem que a escola foque a necessidade de dar ao aluno condições de ampliar o domínio da língua e da linguagem, para que ele possa desenvolver seus conhecimentos discursivos e linguísticos, refletindo sobre os fenômenos da linguagem.

Apresentamos uma proposta de atividade didática destinada aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, cujo assunto é a função dos operadores argumentativos. O tempo sugerido para aula é de 1h30min ou dois tempos de 50min.

Tomando como base a Sequência Didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), elaboramos uma atividade que consiste nas seguintes etapas a serem percorridas pelo aluno: **Apresentação da situação > Produção inicial (módulo 1 > módulo 2 > módulo 3) > Produção final**. Por intermédio desse conjunto, o aluno tem acesso a novas práticas de linguagem, já que essa sequência proporciona a realização de todas as atividades e etapas essenciais para a produção de um gênero textual.

Por seu turno, apoiamo-nos na *Prática de Análise Linguística* (PAL) (Geraldini, 1999; 2013), cuja proposta central é usar a linguagem como seu próprio objeto de análise, buscando dar ênfase ao trabalho com a reescrita, com o propósito de provocar práticas reflexivas a partir de um trabalho conjunto realizado em etapas. Dessa forma, para dar conta desse propósito, a PAL se baseia em três tipos de atividade: *linguísticas*, *epilinguísticas* e *metalinguísticas* (Franchi, 1987). Foi nesse contexto que organizamos a sequência abaixo:

Apresentação da situação: o foco é a introdução do assunto para os alunos. O professor deve comentar brevemente as propriedades e o uso do [vai que] como operador argumentativo de possibilidade.

Produção inicial: o importante nessa etapa é levar o estudante a refletir sobre sua compreensão acerca da atuação do [vai que] no desenvolvimento textual. Esta etapa será desdobrada nos três módulos (1, 2 e 3) da Sequência Didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), como veremos. Escolhemos a seguinte postagem de rede social:

Figura 01 – Exemplo do uso da microconstrução [vai que]



Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DY0N5R7Tckt/>> Acesso em: 25 mai. 2026.

Optamos por trabalhar com uma postagem de rede social por se tratar de um gênero próximo às práticas comunicativas dos estudantes e por apresentar um uso

bastante produtivo do operador argumentativo [vai que]. Nesse contexto, o elemento não atua apenas conectando porções do texto, mas orientando o interlocutor para uma hipótese que produz humor, expectativa e identificação.

A proposta foi organizada de modo que os alunos avancem gradativamente de uma percepção intuitiva para uma compreensão mais consciente do funcionamento linguístico-discursivo desse operador. Inicialmente, espera-se que reconheçam os efeitos de sentido produzidos pelo [vai que] no contexto da postagem e percebam sua relação com o projeto de dizer da autora. Em seguida, por meio da manipulação de diferentes possibilidades de uso, busca-se que observem como pequenas alterações linguísticas podem modificar a orientação argumentativa e os sentidos construídos no texto. Por fim, espera-se que os estudantes sejam capazes de refletir sobre o papel do [vai que] na articulação entre as porções textuais, na projeção de hipóteses e na construção da argumentação, incorporando esse conhecimento às suas próprias práticas de leitura e produção textual.

Módulo 1: o objetivo principal é levar o aluno a perceber intuitivamente os efeitos de sentido produzidos pelo [vai que] no texto e sua relação com o contexto de circulação. O foco é a *atividade linguística* (Franchi, 1987). Nesse ponto, a reflexão deve girar em torno de atividades relacionadas a aspectos linguísticos e contextuais, tais como: preciso mobilizar algum conhecimento extratexto para compreender D2 (... vai que o amor da minha vida está nos pacotes)? Qual o efeito esperado pela autora da postagem (humor, crítica)? É possível identificar a crença da autora em relação ao que postou? O D1 (vou trabalhar no dia dos namorados, sim) se trata de uma imposição, um contrassenso? De que forma o segundo discurso atua sobre o primeiro? Que argumento o segundo discurso usa para direcionar o primeiro? O [vai que] opera o argumento para uma hipótese positiva ou negativa? A quem a autora destinou essa postagem, ou seja, quem ela imaginou como interlocutor?

Módulo 2: o objetivo é fazer o aluno manipular linguisticamente o operador, experimentando diferentes possibilidades de uso e observando como pequenas mudanças alteram os sentidos produzidos. Aqui tem início a *atividade epilinguística* (Franchi, 1987). O foco é na escrita. . Para esse fim, elaboramos a seguinte atividade de produção escrita:

- a) Transformar um uso de incentivo em um uso de alerta;
- b) Transformar uma hipótese positiva em uma hipótese negativa;
- c) Transformar um conselho em uma crítica; e
- d) Comparar diferentes usos do operador em contextos distintos.

Módulo 3: o objetivo é sistematizar as observações realizadas anteriormente e ampliar a consciência do aluno sobre o funcionamento discursivo do operador. É o momento de o professor retomar a discussão, aprofundando o assunto. Os estudantes devem refletir sobre suas produções não como um modelo engessado a ser seguido, mas como uma prática social adequada à situação e ao contexto comunicativo em que foram realizadas.

Produção final: O professor propõe aos alunos uma nova produção textual, com o intuito de conferir o aprendizado nas etapas anteriores. O objetivo é verificar se o estudante consegue mobilizar esse conhecimento em uma situação real de produção textual. Nesse ponto, esperamos que o alunado consiga analisar sua própria produção textual, até chegar à versão final. O texto produzido deverá usar o [vai que] como operador argumentativo e ter como proposta um dos seguintes tópicos:

- a) Uma postagem para o *Instagram* da escola;
- b) Um aviso para a comunidade escolar;
- c) Uma publicação para um grupo de alunos;
- d) Uma campanha de conscientização.

A atividade metalinguística acontece nesta fase. Esse é o momento de relacionar as questões da discussão inicial às respectivas noções abordadas neste estudo, tais como:

- a) Preciso mobilizar algum conhecimento extratexto para compreender D2 (... vai que o amor da minha vida está nos pacotes?): âmbito da macrossintaxe.
- b) Qual o efeito esperado pela autora da postagem (humor, crítica?): polifuncionalidade pragmática.
- c) É possível identificar a crença da autora em relação ao que postou?: modalidade epistêmica.
- d) O D1 (vou trabalhar no dia dos namorados, sim) se trata de uma imposição, um contrassenso?: ato de fala.
- e) De que forma o segundo discurso atua sobre o primeiro?: argumentatividade.
- f) Que argumento o segundo discurso usa para direcionar o primeiro?: cognição da hipótese.
- g) [vai que] opera o argumento para uma hipótese positiva ou negativa?: modalidade hipotética.
- h) A quem a autora destinou essa postagem, ou seja, quem ela imaginou como interlocutor?: intersubjetividade.

A fase da produção final é o momento oportuno para discutir a sistematização dos conhecimentos linguísticos adquiridos nas fases anteriores, definindo-os, descrevendo-os e

classificando-os. Essa visão nocional da linguagem pode proporcionar um pensamento analítico sobre os recursos expressivos da língua, habilitando o estudante a não apenas categorizar tais recursos, como também a falar, por exemplo, sobre a linguagem e seu funcionamento.

Por fim, esperamos que a proposta de nossa atividade didática não tenha deixado dúvida quanto ao nosso objetivo de selecionar uma Sequência Didática para analisar os efeitos de sentido que o OA [vai que] pode gerar na estruturação do texto. Elaboramos uma prática que enxerga o aluno como um sujeito ativo e interferente, capaz de operar com a linguagem a partir do conhecimento prévio que todo usuário de uma língua tem, em que o professor deixa de ser o centro das atenções, transferindo-o para as interações. Nesse sentido, nossa proposta não se esgota nem se limita a ela mesma, mas abre caminho como modelo para o ensino de outros conectores de rede [X-que]_{CTD}, como o [acontece que], [fora que], [tanto que], [note que], entre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como foco o uso do [vai que] no português contemporâneo, analisando seu nível de consolidação como microconstrução da rede [X-que]_{CTD}. Além disso, pudemos observar sua atuação como operador argumentativo de possibilidade; na gestão da proteção de face; sua atuação no âmbito da macrossintaxe; na criação de relevo; na maneira como envolve o interlocutor na cognição da hipótese; e na sua capacidade modal-hipotética de projetar cenário desejável ou temido.

A análise dos dados permitiu observar que o [vai que] apresenta evidências de estabilização construcional na rede [X-que]_{CTD}, podendo atuar de modo estável e esquemático em diferentes contextos discursivos – da fala cotidiana à mídia digital. As variações de registro, gênero e modalidade podem confirmar sua rotinização e o acesso cognitivo automático que os falantes têm a essa microconstrução. A regularidade formal e o valor epistêmico de hipótese se mantêm nos usos analisados, o que aponta para sua fixação como operador argumentativo do português contemporâneo. Assim, mais do que um traço de coloquialidade, o [vai que] se configura como um nó com certo grau de fixação na rede, revelando a vitalidade da língua e o dinamismo dos processos de mudança e variação linguística.

Com efeito, a análise não apenas permitiu evidenciar as propriedades discutidas ao longo do texto, como também desvelar algumas peculiaridades: apresenta capacidade de deixar um cenário (desejável ou não) em aberto para futuras reformulações; já se encontra num nível de estabilidade no uso que consegue atuar com naturalidade até em gêneros relativamente mais monitorados, como entrevista; apresenta tamanha força argumentativa em direcionar os enunciados que autoriza a substituição da conclusão por reticências; está tão entrincheirada que pode ocupar posições menos prototípicas sem perder o valor procedural, introduzindo textos, por exemplo. Todos esses aspectos observados do [vai que] permitem registrar o modo como essa construção vai encontrando seu próprio percurso no jogo discursivo das interações.

Como relevância pedagógica, essa abordagem permite que o ensino de língua materna considere o texto como unidade central e o uso real da língua como base para análise e reflexão. O estudo contribui para repensar o ensino de gramática que evidencie a necessidade de desenvolver a competência discursiva do aluno, tornando-o protagonista na leitura e produção de textos significativos. Assim, ao reconhecer o [vai que] como uma construção discursiva consolidada, que transita por diversos gêneros e modalidades – da oralidade à rede social –, o professor pode planejar suas atividades partindo do pressuposto de que essa construção já se encontra suficientemente fixada no conhecimento prévio do aluno, permitindo seu acesso cognitivo automático, e em suas práticas discursivas cotidianas. Mesmo que de forma intuitiva, o estudante consegue perceber as suas propriedades de forma e função e usá-las de maneira produtiva no colóquio. Nesse sentido, a pesquisa fornece subsídios para o professor planejar uma atividade didática mais técnica, orientando o alunado a desenvolver uma análise linguística mais crítica, menos intuitiva, acerca do uso desse conector em seus projetos de textos, possibilitando uma produção textual mais eficaz, em sintonia com a BNCC, ao passo que coloca o aluno como protagonista do seu próprio projeto de cidadania.

Portanto, esperamos ter contribuído de certa forma com um campo importante de pesquisa, tanto no que diz respeito aos conectores não prototípicos do tipo operadores argumentativos, quanto ao uso pedagógico desses tipos de elementos que geralmente ficam de fora do ensino da língua portuguesa nas salas de aula. Ademais, esperamos que este estudo possa apontar para novas maneiras de repensarmos o estudo do [vai que], aperfeiçoando a visão metodológica, ampliando o *corpus* de pesquisa e refinando os critérios de análise.

REFERÊNCIAS

- ARENA, Ana Beatriz. *Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BRASIL, *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. São Paulo: Cortez, 2016.
- CEZARIO, Maria Maura; SILVA, Thiago dos Santos; SANTOS, Monique. *Formação da construção [Xque]conec no português*. E-escrita, v. 6, p. 229-243, 2015.
- CORPUS DO PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/now>>. Acesso em: 16 abr. 2025.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle. SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro).
- DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer*. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidade del Valle, 1988.
- ELY, Leyla. *As construções [vai que] e [supondo que] do português brasileiro: uma análise cognitiva funcional baseada no uso*. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 9, p. 5-45, 1987.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, Jose Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angelica Furtado (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2013.
- GERALDI, João Wanderley. et al. (org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Portos de Passagem*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GIGIVILELA, *Programa earth, wind & fire setembro*. Santa Catarina, 03 out. 2025.

Instagram: Gigivilela. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/DPWd1jQETyY/>
programa [Earth, Wind & Fire•September](#)> Acesso em: 05 out. 2025.

GOFFMAN, Erving. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. *In*:

GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Pantheon Books, 1967[1955]. p. 5-45.

_____. *La mise en scène de la vie quotidienne: les relations em public*. v. 2. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2016.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Org. Ivo da Costa do Rosário. Rio de Janeiro: EdUFF, 2022.

OTONI, Camila fala sobre o trabalho, 26 mai. 2026. Instagram: otonicamila. Disponível em:<<https://www.instagram.com/reel/DY0N5R7Tckt/>>. Acesso em: 28 mai. 2026.

PALMER, Frank Robert. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do; LOPES, Monclar Guimarães. *Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica*. Revista Solettras. São Gonçalo, n. 37, v. 1, p. 83-102, jan-jun, 2019.

SANTOS, Ana Cláudia Machado dos. *Conectores textual-discursivos da rede X-que em gêneros de cunho opinativo: descrição e prática de análise linguística*. 2023. Projeto de pesquisa em ESTUDOS DE LINGUAGEM / TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA – Universidade Federal Fluminense.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Relevo e desenvolvimento de tópico discursivo*. Cad.Est.Ling., Campinas, 48(1), p. 53-70, 2006.

Sobre os autores**ANA CLÁUDIA MACHADO DOS SANTOS**

Pós-doutorado em Estudos de Linguagem, Educação linguística e cidadania, pela Universidade Federal Fluminense (2023). Atua como professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, vinculado à Linha 1 (Teoria e Análise Linguística). É vice-líder e pesquisadora no grupo "Conectivos e Conexão de Oração" (CCO) e pesquisadora no Grupo de Pesquisa Conectores da Sintaxe ao Discurso. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua portuguesa e ensino de Língua Portuguesa, Morfossintaxe e Macrossintaxe, Conectores textual-discursivos, Marcadores de estruturação do discurso, Funcionalismo centrado no uso em interface com a Linguística Textual, Leitura e Análise linguística críticas, Educação linguística e cidadania.

FRANCISCO WILTON ANDRADE SOARES

Pós-graduado em Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Licenciado em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro integrante do Grupo de Estudos em Linguística Forense da UFF e do Grupo de Pesquisa Conectores da Sintaxe ao Discurso e Ensino – FFP/UERJ & UFF.